

DEZEMBRO 2025
4 URGEIRIÇA
Antigos Balneários
6-7 VISEU
Galeria VNBM

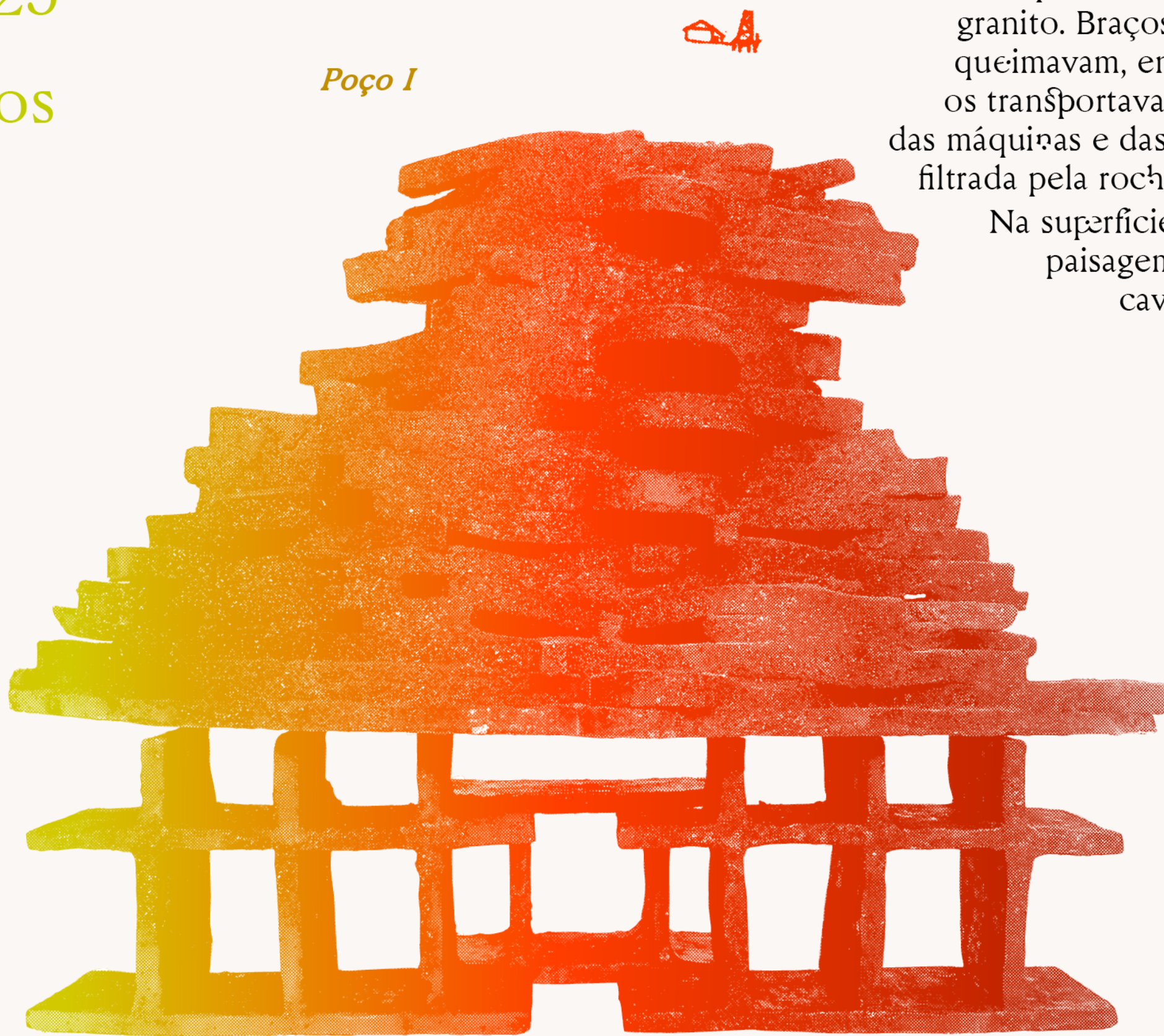
Inaugurado em 1913 para alcançar os ricos filões de urânio escondidos nas veias do subsolo granítico da Urgeiriça, o Poço de Santa Bárbara—padroeira dos mineiros—foi, durante décadas, a principal via de extração de materiais nucleares em Portugal. A sua verticalidade rasgou a terra como uma ferida, ligando a superfície a um labirinto de galerias que se estendeu por quilómetros, algumas a mais de 500 metros de profundidade.

Poço I, II, III, 24/25
Maquetes-esculturas que recriam livremente a área central do Poço de Santa Bárbara, tal como representada na planta exposta na sede da ATMU—Associação dos Ex-Trabalhadores das Minas de Urânio. As peças, realizadas em grés e revestidas com esmaltes artesanais, integram cinzas recolhidas do antigo Hotel de Urgeiriça, da Casa do Peão das Minas e das residências dos bairros de engenheiros e operários, gentilmente cedidas pelos moradores, bem como dos incêndios ocorridos em 2024 junto à barragem velha, onde permanecem selados os escombros das minas de Urgeiriça.

Ali, no ventre escuro do granito, o brilho esverdeado do urânio era obstinadamente extraído, pedra a pedra, para alimentar laboratórios, acionar reatores e abastecer a máquina de guerra, inscrevendo Portugal, nos anos tensos da Guerra Fria, no mapa do poder atômico. Escavado como uma via selada, o poço resistiu à pressão geológica, ao peso diário da labuta ao longo de quase oito décadas e a um sistema que via o ser humano como mera extensão das ferramentas.

Por ele desceram e subiram gerações de mineiros. A descida era uma queda: da luz para uma forma de cativeiro, onde o próprio ar se tornava numa substância opressora, denso

Poço I



Poço II



Poço III



com o pó do elemento que extraem do granito. Braços e ombros ardiam, pulmões queimavam, enquanto o ranger das gaiolas que os transportavam como carga se perdia no ruído das máquinas e das bombas que drenavam a água filtrada pela rocha e traziam ar da superfície.

Na superfície, dominando a paisagem, ergueram o cavalete:



um esqueleto de aço que convertia suor em lucro, num movimento contínuo de cabos e roldanas. Os seus tendões de metal sustentavam toneladas, orquestrando a passagem contínua entre a claridade e o abismo, erguendo minério e homens.

Em 1991, a atividade cessou, e com ela a ligação entre os dois mundos. A Urgeiriça ficou marcada por histórias e por isotópos que transbordaram das galerias para se instalarem nos pulmões de quem trabalhou no solo, na estrutura das casas e na água, tornando-se uma herança involuntária para toda a população. O que restou foram narrativas passadas de boca em boca e estudos sobre a terra contaminada e a paisagem transformada.

Hoje, sobre a boca selada do poço, o cavalete permanece um monumento ambíguo. A sua preservação homenageia tanto a resistência humana—ainda ecoando nos cabos que, mesmo envernizados, lentamente cedem à ferrugem—quanto o fracasso de um sistema que trocou vidas por dinheiro. Testemunha de décadas de esforço repetido que esculpiu a terra, a região e o destino de quem nela labutou, alma de metal da Urgeiriça, o cavalete guarda na sua estrutura oxidada as contradições do progresso.

É neste horizonte que se inscreve U, um projeto que procura reabrir, pela via artística, a memória subterrânea da Urgeiriça.

Poço III

Esta narrativa ecoa na peça escultórica de Isabel Carvalho, que materializa em formas e vazios a geografia subterrânea do Poço de Santa Bárbara—um corpo artístico que devolve à superfície o peso material e histórico dessas galerias, erguendo uma memória do subsolo.

U